

O AMBIENTE ESCOLAR E O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA: DESAFIOS DO PROFESSOR INICIANTE NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE GOIÂNIA

Paula Junqueira da Silva¹
Jackeline Silva Alves²

RESUMO: O artigo apresentado é uma reflexão sobre impressões do ano letivo de 2008 na Escola Municipal Bom Jesus em Goiânia/GO, e Escola Municipal Jalles Machado Siqueira durante o primeiro semestre de 2009, durante a experiência de ensino de Geografia na rede pública municipal. Destacamos os desafios postos aos professores iniciantes lotados nas escolas municipais após o concurso público do ano de 2007. A experiência vivida nos revela as multifaces do ensino público: a escola do Ciclo de Formação e Desenvolvimento Humano tem sido para os educandos território e territorialidade da libertinagem dos diferentes cotidianos experienciados pelos educandos fora do ambiente escolar. O processo avaliativo contraria as atuais concepções teóricas sobre a didática e a prática de ensino em Geografia. A indisciplina dos educandos é referencial latente na escola. O exercício de “pensar” é uma prática pouco estimulada na escola pelos professores, tendo em vista o comportamento desorganizado dos educandos. A construção do saber pelo indivíduo está limitado à opinião do professor e ao livro didático. Este texto foi elaborado a partir de levantamento e revisão de referencial teórico que versa sobre o tema, e através das evidências empíricas reveladas através da prática cotidiana em escolas públicas municipais. Evidenciamos aqui um estudo de caso sobre as dificuldades estruturais da rede de ensino, das limitações profissionais e psicológicas do professor e das realidades e perspectivas dos educandos ao adentrarem no ambiente escolar, revelando a dificuldade do *educador* em lidar com os rastros da violência que marcam as raízes históricas da sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Geografia escolar; Escola; Indisciplina.

"Tornar o amor real é expulsá-lo de você para que ele possa ser de alguém"
Nando Reis

¹ Docente da Universidade Estadual de Goiás - UnU Iporá e Rede Municipal de Educação de Goiânia. paulajunqueira@hotmail.com

² Docente do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás - UnU Iporá. jackgeo17@hotmail.com

Poderia esta epígrafe começar uma carta de amor: ser a mesma uma manifestação de sentimentalismo barato de uma grande paixão que não deu certo. Ser um depoimento de alguém decepcionado porque viu o sonho de um relacionamento perfeito se definir pela falta de reciprocidade entre os pares. Contudo, pensamos que estas poucas palavras querem dizer ao mundo "CHEGA! Cansei de sofrer por quem não se importa com minha dedicação!".

Sim! É isto mesmo! O refrão desta música composta por Nando Reis nos remete a pensar e sentir o quanto é difícil aprender a gostar de alguém ou de algo que não se conhece. Neste artigo, compartilhamos nossas angústias de sofredoras utópicas, pois muito da letra desta música traduz em parte a frustração de uma série de educadores apaixonados pela profissão que não encontraram na sala de aula, no exercício docente, a reciprocidade esperada de um relacionamento saudável entre professor x aluno, professor x professor e até mesmo entre aluno x aluno.

O panorama que temos é de colegas professores cansados de tentar mudanças no sistema educacional ao longo da história da mesma, e que por quase nada conseguem cruzam os braços ante aos problemas institucionais, fechando as portas de "suas" salas de aula, tentando dentro das mesmas cumprirem ao menos burocraticamente o papel legitimado à instituição escola: assim ministram seus conteúdos procedimentais, valem-se do quadro e giz e avaliam seus alunos através do terrorismo das notas... assim a obtenção de notas é o único e último recurso utilizado pelo profissional da educação para conseguir, minimamente, cumprir o seu dever burocrático na escola.

Conforme Kaercher (2007, p. 27-31),

A maior recorrência nas muitas observações em sala de aula é a relativa ausência do professor enquanto sujeito condutor do processo pedagógico. Muitas vezes, há quase uma omissão. O professor esta mais para um agente burocrata que evita, às vezes sem conseguir, o excesso de barulho, do que alguém que instaura o [...] o conflito, a tensão cognitiva entre ele e os alunos; tensão entre o modo de pensar entre o 'antes' e o 'depois' da explanação do professor.

O texto apresentado é um relato de experiência sobre impressões do ano letivo de 2008 na Escola Municipal Bom Jesus em Goiânia/GO, e da Escola Municipal Jalles Machado Siqueira no primeiro semestre de 2009, durante a experiência de ensino de Geografia na rede pública municipal. Destacamos os desafios enfrentados por professores iniciantes lotados nas escolas municipais após o concurso público do ano de 2007.

A experiência vivida tem nos revelado as multifaces dos espaços de ensino público: a escola do Ciclo de Aprendizagem e Desenvolvimento Humano tem sido para os educandos, território de libertinagem e territorialidade dos diferentes cotidianos experienciados por estes indivíduos fora do ambiente escolar.

Em especial nas salas de aula do Ciclo II, percebemos que o processo avaliativo contraria não apenas a dinâmica escolar mais também as atuais concepções teóricas sobre a didática e a prática de ensino em Geografia.

Poucas são as circunstâncias em que o professor consegue com sucesso ministrar a aula por ele planejada, explicar o conteúdo proposto e de tal modo conduzir o educando a uma linha de raciocínio, ou seja, conduzi-los à produção do conhecimento.

Tendo como referencial latente na escola a (*in*)disciplina dos educandos, normalmente não é possível desenvolver, de modo satisfatório, uma avaliação que possibilite conciliar conteúdos procedimental e atitudinal: vez ou outra o professor consegue transformar a (*in*)disciplina dos educandos em objeto de discussão (tema gerador!) e induzí-los a pensar sobre o papel da escola na formação do indivíduo e este como o organizador da sociedade e da natureza.

O exercício de "pensar", demonstra ser um "sofrimento" para esses indivíduos. Por ser uma prática pouco estimulada nas escolas pelos professores, haja vista o comportamento desorganizado dos educandos quando chamados a manifestarem suas opiniões, o movimento de pensar, julgar e argumentar é considerado árduo e desnecessário segundo os mesmos.

Parafraseando kaercher (2007, p. 32):

As escolas parecem mais preocupadas em ocupar seus alunos dentro de uma linha mecanicista do que fazê-los desenvolverem seus potenciais cognitivos e criativos de uma forma mais estimulante.

A partir desse ponto de vista consideramos que a construção do saber autônomo pelo indivíduo está limitada à opinião do professor e ao livro didático (claro para aqueles alunos que estão dispostos a escutar o professor e a folhear o livro!). Assim, pensamos que a nossa utopia consiste em pensar estratégias curriculares que façam da escola um espaço de democratização do saber, tendo em vista que os atores principais (alunos e professores) encontram-se em um estágio de desencanto.

Destacamos a percepção do professor de Geografia em relação à busca de uma educação inclusiva, do tratamento das questões étnico-raciais, dos aspectos da indisciplina dos educandos, e das questões atinentes ao meio ambiente.

Juntos estes tópicos fazem parte do conjunto de desafios da escola brasileira, para que o processo de ensino-aprendizagem cumpra o seu objetivo: tornar o indivíduo um ser crítico no espaço em que ele habita e consciente de que o uso de seu livre arbítrio refletirá na construção da sociedade da qual faz parte.

A educação e de forma bastante peculiar a educação geográfica deve ser libertadora do ser humano, valorizadora das atitudes individuais e coletivas. De tal modo, deveria propiciar a tomada de consciência dos educandos sobre a aceitação das diversidades e das semelhanças culturais e fisionômicas entre as pessoas e também entre os objetos no meio ambiente.

Trazemos assim, um estudo de caso sobre as dificuldades estruturais da rede de ensino pública, das limitações profissionais e psicológicas do professor e das realidades e perspectivas

distintas dos educandos ao adentrarem no ambiente escolar, revelando a dificuldade do *educador* em lidar com os rastros da violência (física, verbal e emocional) que marcam as raízes históricas da sociedade brasileira.

Consideramos que na escola a construção dos laços de fraternidade e solidariedade deveria constituir a base de uma disciplina, instrumento facilitador da organização do saber e, portanto, a chave para a autonomia do saber pensar e saber fazer.

Neste curto período de experiência de trabalho na rede municipal de ensino de Goiânia, como muitos outros colegas, temos nos decepcionado constantemente.

Nesse sentido a avaliação somativa que classifica o indivíduo a partir da práxis meritocrática (FERNANDES e FREITAS, 2006) é instrumento utilizado pelos professores para cumprirem sua função profissional. Durante o ano de 2008 a experiência de simulados na escola contribuiu para reforçar o quantitativo do que se ensina e o que se aprende: professores isolados elaboraram suas provas para comporem a apostila de "verificação bimestral de aprendizagem". A avaliação formativa, portanto, ainda está longe de ser uma prática neste ambiente escolar.

Kaercher (2004, p.78) destaca,

[...] a necessidade de ultrapassar a visão conteudista que temos do ato pedagógico. Visão que prioriza a quantidade, e, não raro, esquece o significado, a razão e a emoção que se trabalha, para o educando. Mais importante é que tenhamos a paixão pelo conhecimento, o gosto pela curiosidade, senão não desenvolveremos nos alunos tais atitudes. Tal paixão é necessária até para que vençamos a ojeriza que os alunos têm pela escola e pelas disciplinas.

O sistema de ciclo de formação na rede municipal na Escola Bom Jesus não tem permitido que a avaliação formativa se concretize, pois falta tempo e recursos didáticos para tal.

O reduzido tempo destinado ao planejamento, somada a quantidade de alunos por professor dificulta, quando não impedi a troca de experiências entre os profissionais e impossibilita que se conheça individualmente o potencial de cada aluno.

Para os professores de área, como é o caso de Geografia e História, por exemplo, a situação é ainda mais complicada, pois o número reduzido de aulas por turma faz com que o professor entre em muito mais salas e tenha, portanto, mais educandos. Assim é ainda maior a dificuldade em conhecer e identificar o potencial e dificuldades de seus educandos. É a partir deste contexto em que são preenchidas as fichas de diagnóstico dos educandos.

Do outro lado dessa relação estão os educandos que trazem consigo uma bagagem de informações adquiridas no cotidiano fora da escola, vítimas indiretas do sistema capitalista e de uma economia neoliberal. Tais indivíduos vomitam conceitos de cidadania de botequim e fazem da escola espaço de libertinagem.

De acordo com Alves (2009, p. 49), “O aluno parte da realidade a sua volta, sua moradia, sua escola, o trajeto entre casa e escola, sua rua, seu bairro, sua cidade e seu município.”

Conforme argumenta o autor supracitado sendo a educação elemento essencial para a formação humana, os saberes escolares devem por conseguinte propiciar a formação de cidadãos desalienados.

A escola para muitos educandos é então o palco da vida real, cuja peça manifesta a anarquia daqueles que não conseguem e não podem vivê-la durante suas relações sociais fora do ambiente escolar.

Ao adentrarem o ambiente escolar, crianças, pré-adolescentes e adolescentes vulgarizam o poder da autoridade do professor, coordenador, diretores e demais funcionários, os quais parecem estar ali mais para os servirem como subalternos.

Cavalcanti (2005, p. 12), argumenta que:

O trabalho de educação geográfica na escola consiste em levar as pessoas em geral, os cidadãos, a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam, diretamente ou não, como parte da história social.

O cotidiano vivenciado nas escolas, em especial nas salas de aula do ciclo II, nos mostra que o processo avaliativo que "tentamos" desenvolver contraria não apenas a dinâmica escolar, mas também às concepções teóricas pautadas nas discussões sobre a didática e a prática de ensino em Geografia. Como professoras de "área" temos feito em sala de aula de tudo um pouco, menos desenvolver o conteúdo geográfico.

Segundo Moraes (2001, p.198):

Pensar, julgar e argumentar resultam da atuação permanente sobre o mundo e a interação das crianças com os seus pares. A aprendizagem é uma construção. Pensar é o resultado dessa construção, da ação do sujeito sobre o objeto, de sua transformação, tendo como ponto principal o próprio indivíduo, educando, sujeito ativo em processo permanente de construção.

De acordo com tal citação percebemos que os educandos da Escola Municipal Bom Jesus, precisam transpor as barreiras construídas por eles mesmos e por nós professores e demais gestores escolares. A construção merece ser executada de forma que o indivíduo aprenda a aprender, aprenda a fazer, aprenda a fazer junto e aprenda a ser (JACQUES DELORS apud HOFFMAN, 2003).

A escola passou de, o local de produção do saber para ser o próprio saber produzido: ela é a materialização da teoria e dos conceitos. No que tange à Geografia enquanto disciplina é fácil perceber através das relações que os educandos produzem na escola e das experiências que levam para dentro do ambiente escolar, a materialização dos conceitos de territorialidade, modos de vida advindos da interpretação da categoria território e do seu uso na corrente teórica conhecida como Geografia Cultural.

A falta de respeito manifestada por estes alunos, ou a indisciplina com nós professores e educadores caracterizam tal comportamento. Pensamos que tais atitudes referem-se à alternativa desses alunos para manifestarem a identidade de grupo naquele espaço.

O uso de palavrões, gestos agressivos, o desinteresse pelo estudo, a pouca vontade em organizar as informações que lhes chegam todos os dias, são elementos que classificam a territorialidade de uma juventude transviada.

Na Escola Municipal Jalles Machado Siqueira, observamos durante este primeiro semestre de 2009 que, embora haja maior flexibilidade do corpo gestor e apoio do mesmo para experimentarmos novas práticas pedagógicas, tendo também um menor número de alunos por sala, parte considerável dos educandos apresenta comportamento muito semelhante àqueles dos educandos da escola anteriormente descrita.

Temos sentido nas salas de aula os efeitos colaterais e frontais da utopia do processo de ensino aprendizagem: professores-profissionais, e educadores-professores não conseguem ensinar e tão pouco aprender coisas novas neste cenário sombrio em que se encontra a escola pública.

A partir deste rápido diagnóstico, percebemos que a escola ao invés de ser o lugar onde é possível produzir conhecimento, onde aprendemos aquilo que gostamos, ou ainda lugar em que poderíamos associar aprendizagem e satisfação, a escola tem se mostrado muito mais como espaço no qual encontramos aglutinados às adversidades da sociedade, políticas educacionais de elaboradas pelo Estado que evidenciam a intencionalidade do mesmo em manter uma educação de péssima qualidade, somando-se a isto o potencial a ser desenvolvido e fragilidades profissionais e pessoais daqueles que tentam desenvolver o labor docente. Vivemos ao mesmo tempo o paradoxo do encantamento e decepção.

Citando Cavalcanti (2005, p.47), cumpre ao ensino de Geografia contribuir para a formação da cidadania através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades e valores que possibilitem ao indivíduo ampliar a sua capacidade de compreensão do mundo.

Kaercher (2004, p. 78-79), ao tratar sobre *Onde estão a certeza e a paz que buscamos como professores?* nos conduz a importantes reflexões e indagações, mas que percebemos nem sempre os profissionais da educação estão dispostos a fazer. Dentre tais questionamentos o autor aponta a necessidade de termos uma autocrítica constante, ressaltando a necessidade de pensarmos sobre nossa prática pedagógica e se necessário for, até mesmo questionarmos o nosso trabalho.

Neste desabafo, podemos afirmar que as experiências como professoras iniciantes de Geografia no Ciclo de Formação, tem sido desafiadora. As salas de aula mais se aproximam de um laboratório, onde precisamos desenvolver as experiências de ensinar e aprender. Eis então o desafio, ensinar e aprender Geografia!

Parafraseando Guimarães Rosa “O mundo é longe daqui”, juntos procuremos encontrar o caminho. Se escolhermos ‘Ser Professores’ de Geografia, tendo em vista o objetivo que esta disciplina deve cumprir e a multiplicidade de mistérios a ser pela mesma desvelados, saibamos contornar os obstáculos, assim como faz o rio para chegar ao mar.

Mudar requer ser ousado, propor o novo, reorientar, mudar de curso...assim convidamos todos os professores-profissionais e educadores-professores a embarcarem nessa mágica e maravilhosa viagem.

REFERÊNCIAS

ALVES, A.P.A. F., Geografia ensinada – geografia vivida? Conceitos e abordagens para o ensino fundamental no Paraná. **Revista discente expressões geográficas**. Florianópolis, n. 05, ano V, p. 49-60, mai. 2009.

CASTROGIOVANI, A. C. et. al. (Orgs.). **Geografia em sala de aula: praticas e reflexões**. Porto Alegre: AGB, 1998.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e Praticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

FERNANDES. C. de O.; FREITAS, L. C. de. Currículo e avaliação. In: MEC. **Indagações sobre o currículo** (versão preliminar). Brasília: MEC. 2006.

GOIÂNIA. **Diretrizes Curriculares para a Educação Fundamental da Infância e da Adolescência: Ciclos de Formação e Desenvolvimento Humano**. RME: Goiânia, 2006.

HOFFMAN, Jussara. **O cenário da avaliação no ensino de Ciências, História e Geografia**. (1995)

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia escolar na pratica docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Critica**. 2004. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo São Paulo, 2004.

KAERCHER, Nestor André. A Geografia serve para Entender a Água, o Sangue, o Petróleo...Serve para Entender o Mundo, e, sobretudo, a Nos Mesmos! **CAESURA**. Revista Critica de Ciências Sociais e Humanas (Especial Geografia), Canoas, n.24, p. 77-91, jan./jun. 2004.

KAERCHER, Nestor André. A Geografia Escolar: Gigante de Pés de barro comendo Pastel de vento num *fast food*?. **Terra Livre**. (Geografia e Ensino), Presidente Prudente, ano 23, v. 1, n.28, p. 27-44, jan./jun/2007.

MORAES, M. C. O paradigma construtivista, interacionista, sociocultural e transcendente. In.:_____. **O paradigma educacional emergente**. 7 ed. Campinas - SP: Papirus, 2001. (Coleção Práxis).

PONTUSCHKA, Nibia Nacib. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. Ed. Contexto, 2004 2. ed. São Paulo.